

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) nas áreas de saneamento e habitação

São Paulo-SP, 26 de junho de 2007

Primeiro, a alegria de poder estar em São Paulo outra vez. Foi aqui, no começo do ano passado, que nós anunciamos e assinamos os contratos, e outra vez voltamos aqui.

Eu quero cumprimentar o governador José Serra,

Quero cumprimentar os meus ministros,

Quero cumprimentar o nosso companheiro, presidente do BNDES,

Quero cumprimentar os deputados federais,

Os deputados estaduais,

Os secretários de Estado de São Paulo,

Quero cumprimentar o presidente da Assembléia Legislativa de São Paulo, deputado Vaz de Lima,

Quero cumprimentar o prefeito Gilberto Kassab, em nome de quem eu quero cumprimentar todos os demais prefeitos que estão aqui,

Quero cumprimentar a nossa querida Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar a secretária estadual de Saneamento e Energia, senhora Dilma Pena,

E quero cumprimentar os representantes dos movimentos sociais aqui presentes, sobretudo a parte da sociedade para quem grande parte deste Programa está destinado, ou seja, para fazer com que eles, que ainda não conquistaram a sua cidadania, comecem a conquistá-la pela rua em que moram, pelo bairro em que moram, e pela cidade em que moram, porque não é possível imaginar que alguém que mora numa palafita tenha cidadania; não é possível imaginar que alguém que mora num quarto 3 por 3, com 5, 6 ou 7 pessoas, tenha conquistado a cidadania, embora seja brasileiro, como todos os outros.

Mas queria, governador José Serra, dizer uma coisa que eu considero importante. Não vou, aqui, falar de dinheiro. Eu só quero lembrar o seguinte: o PAC é, eu diria, uma experiência que estamos implementando, e precisamos ter a ousadia de transformá-lo numa coisa muito verdadeira. Isso só acontecerá se o dinheiro estiver disponibilizado para todas as obras, para que no final de 2010 nós possamos comemorar a inauguração dessas obras todas, porque todas estão previstas para terminar em 2010. São 504 bilhões de reais. Certamente é menos do que o Brasil precisa, mas muito mais do que foi possível fazer nas últimas décadas. Isso só foi possível porque a política econômica e a economia brasileira permitiram que nós hoje tivéssemos a tranquilidade para discutir coisas que há 4 ou 5 anos eram praticamente impensáveis no Brasil, porque não havia nada que permitisse que você saísse do pensamento da macroeconomia, da estabilidade e pudesse fazer políticas sociais.

Hoje – e o Luciano participou de uma reunião comigo, esses dias, em que eu dizia para os economistas – eu penso que foram poucos os momentos da história do Brasil em que a gente conseguiu reunir um grupo de economistas para discutir o futuro, sem que as pessoas tivessem medo ou a síndrome de discutir alguma coisa que era proibida.

Então, nós, hoje, estamos aqui anunciando um Programa que tem uma quantia em dinheiro, certamente aquém daquela que São Paulo precisa e as cidades precisam, mas, certamente o maior programa de urbanização de favelas e saneamento básico em muitos e muitos anos neste estado.

E eu penso, governador e prefeitos aqui presentes, que o gesto mais importante que nós estamos fazendo, neste momento, é uma ação plural de entes federados com pensamentos ideológicos diversificados, com filiações partidárias múltiplas e que aqui estão com um único objetivo. Você pode ser o que você quiser antes das eleições, depois das eleições você pode tentar continuar a ser o que você quiser, mas você, em primeiro lugar, é o administrador da sua cidade, do seu estado e do País, portanto, todos nós temos a obrigação política, ética e moral de cumprir com as coisas que foram a razão pelas quais o povo nos elegeu.

Este gesto de hoje simboliza que o Brasil é um país que está preparado e consagrando as instituições democráticas, consagrando uma ação

democrática, demonstrando que a convivência democrática na adversidade é a garantia da convivência pacífica entre os partidos, entre os ente federados e entre, eu diria, toda a sociedade brasileira.

Amanhã, nós estaremos em Minas Gerais, governador Serra, repetindo o mesmo ritual. Na segunda-feira, estaremos no Rio de Janeiro cumprindo o mesmo ritual. Na outra semana, estarei em Salvador, estarei em Fortaleza, estarei em Pernambuco, depois no Rio Grande do Sul. Nós iremos cumprir esse ritual em todos os estados da Federação. E por que eu estou viajando o Brasil para cumprir esse ritual em todos os estados da Federação? Porque é uma forma de olhar nas caras dos prefeitos que estão assinando os protocolos, eles olharem na minha cara, e depois eu poder pedir para eles: pelo amor de Deus, executem esses projetos, porque não é sempre que o País tem dinheiro disponibilizado para fazer obras de saneamento básico e urbanização de favelas.

Além disso, tem uma outra coisa que eu considero extremamente importante. No Brasil, nós vamos ter que aprender a fazer as intervenções antes que uma coisa pequena vire uma coisa muito grande. Parte das favelas que nós estamos cuidando ou queremos cuidar, parte das palafitas que nós queremos tirar para construir casas dignas – já poderia ter tido casas dignas se houvesse, décadas atrás, administradores que tivessem a preocupação de fazer a intervenção logo no início. Porque só com um barraco, é possível você construir uma primeira casa; com um segundo barraco, é possível construir uma segunda casa; mas se deixar fazer 10 ou 15 mil, depois vai ficar tão caro para desapropriar quanto é caro fazer. E assim, nós estamos gastando mais dinheiro para despoluir os nossos rios, mais dinheiro para preservar as nossas florestas, mais dinheiro para recuperar muitas das coisas que, irresponsavelmente, foram feitas neste País. Portanto, a gente não tem que ficar olhando o que não aconteceu ontem. O que não aconteceu ontem faz parte do passado político, que a gente deve ter boa ou má lembrança, mas é um compromisso nosso o que vamos fazer a partir de amanhã.

E aí, uma coisa que todo mundo precisa compreender. No exercício da Presidência da República, no exercício do governo do estado e no exercício da prefeitura, da mesma forma que um prefeito não olha um bairro – por lá a oposição é mais forte – da mesma forma que um prefeito não fica trabalhando

com a pesquisa e fala: “em tal vila, em tal bairro, eu perdi as eleições, então eu não vou fazer as coisas lá”, da mesma forma que ele tem que fazer onde precisa, o governo do estado tem que atender os prefeitos que precisam e o presidente da República tem que atender os estados e as cidades que precisam. A gente não pede filiação partidária, a gente pede compromisso. Eu nem exijo que um prefeito, Serra, vire corintiano, porque eu quero respeitar os palmeirenses, os são-paulinos, os santistas, os torcedores da Portuguesa, do XV de Jaú, do XV de Piracicaba, do Guarani, da Ponte Preta. O time de Matão já caiu para a segunda divisão, não vou falar aqui de Matão. Mas o que eu quero dizer, gente, é que nós estamos dando um exemplo que pode ser seguido.

O Serra já esteve no Senado por muito tempo, já foi ministro. Aqui, o Luciano Coutinho, outros ministros conhecem bem: muitas vezes, uma obra não acontece porque o político que não está no governo não quer que você faça obras naquele estado porque vai favorecer o seu amigo. Muitas vezes, você vê um companheiro trabalhando contra a obra numa outra cidade: “Não, você vai fazer lá? Você vai ajudar o fulano de tal, que é nosso adversário”. No estado, a mesma coisa. Ou seja, essa pequenez política só traz um resultado: é mais pobreza para este País, é menos desenvolvimento para este País.

Então, Serra, esta é a terceira vez que eu venho ao Palácio Bandeirantes, duas para assinar acordos e uma para receber o Papa, em que, certamente, assinamos um grande acordo para encontrar com Deus e para ter o lugar garantido, num futuro bem longínquo. Mas o dado concreto é que eu faço isso porque eu vivi na pele a experiência da má relação entre um presidente da República e um governador. E quando tem a má vontade, as coisas não acontecem. Teve estado em que nós passamos quatro anos tentando fazer alguma coisa, e era impossível, porque tinha uma disputa política amanhã.

Todos nós sabemos que em 2010 tem disputa política, todos nós sabemos que poderemos estar em times diferenciados, dentro da mesma arena, disputando. Mas todos nós temos que ter grandeza. O que nós estamos fazendo hoje é dizer para o povo brasileiro: confiem, que a classe política vai ter o mínimo de compromisso e o máximo de decência para descobrir que a eleição acabou. Nós, agora, temos que governar, e se não governarmos bem,

nós seremos julgados daqui a pouco tempo.

Então, Serra, esteja certo de que eu virei a São Paulo fazer quantos acordos forem necessários. Estejam os prefeitos certos que jamais um será convidado a Brasília para mudar de partido político, ou seja, isso é um problema de consciência de cada um. Mas estejam certos de que nós estamos vivendo um momento, na história do Brasil, em que poucos tiveram o privilégio de viver essas condições. As coisas estão dando tão certo que, muitas vezes, eu fico até preocupado de gente incomodada procurar pêlo em ovo para encontrar um jeito de fazer crítica ao País. O País está bem, as coisas vão bem, e eu acho que não é mérito individual de ninguém, é um mérito e uma conquista da sociedade brasileira.

Portanto, saio daqui, Serra, satisfeito. Saio daqui agradecendo a presença dos prefeitos que vieram. E o que eu quero pedir para vocês, eu só peço um compromisso de vocês, pelo amor de Deus, é um compromisso que eu vou fazer, na frente de todo mundo e na frente da imprensa, é o único compromisso: por favor, realizem as obras pelas quais vocês assinaram o protocolo.

Deus ajude vocês e que vocês possam ter sucesso. Um abraço.